

# Por que não investir aqui?

**ABRAM SZAJMAN**

Se fosse possível, na complexidade do quadro econômico brasileiro, isolar um fator que, por seu alcance e múltiplas implicações, devesse ter prioridade sobre os demais, não poderíamos escapar do fator investimento. Alguns dirão que a economia não está parada, o que é verdade. Mas está funcionando em marcha lenta, por falta de investimentos significativos. Como consequência, estamos perdendo cada vez mais terreno em relação aos países desenvolvidos. Porque já não precisamos mais somente de investimentos para reativar a produção.

Temos de atualizar o nosso parque industrial, que vai sendo inexoravelmente sucateado com o passar do tempo. Temos de investir maciçamente em pesquisa, para recuperar a criatividade perdida, a vitalidade interior da economia. Se não investirmos — e muito — enquanto outros investem e se distanciam de nós, logo não teremos mais condições de fechar a brecha que se dilata entre o Brasil e o Primeiro Mundo, e estaremos condenados a sobreviver, como pudemos, no Terceiro.

As necessidades são de tal monta, na área dos investimentos, que mesmo que todos os capitais nacionais disponíveis saíssem “de cima do muro”, como se diz, e fossem orientados para a modernização, a pesquisa e a produção, não dariam para a cova de um dente. E, para tirá-los de cima do muro, seria indispensável um respaldo político que não se manifestou por enquanto, bem como uma firmeza do governo, também ela ausente.

A conclusão inelutável a tirar é que, além dos capitais nacionais, não podemos dispensar uma forte participação do capital estrangeiro. Isso, porém, parece cada vez mais problemático, dado o espírito xenófobo que marca a nova Constituição. Essa xenofobia, lamentavelmente anacrônica, somada à falta de estímulos ao capital nativo, também ele vítima de uma xenofobia interna, se assim nos podemos exprimir, nos condena a essa marcha lenta em que vamos penosamente nos arrastando, enquanto o Primeiro Mundo, pelo contrário, acelera os seus motores. Já se disse e repetiu que o desenvolvimento se auto-acelera, enquanto o subdesenvolvimento se auto-retarda. É uma verdade. E, no mundo altamente competitivo em que vivemos, optamos por usar os freios, enquanto nossos competidores optaram pela velocidade.

Investir, pois, é a prioridade das prioridades. Investir o que temos e

atrair os investidores de fora. Em duas palavras: bom senso. Os xenófobos, seja por ideologias arcaicas, seja por oportunismo, seja por ignorância, não podem decretar que o Brasil, entre a possibilidade positiva de dinamizar a sua economia, de apressar o seu crescimento com o único combustível que se conhece, que são os investimentos, e o risco de ficar irremediavelmente para trás, como estamos ficando, escolha o risco — que é mais do que um risco: é uma certeza — e ignore a possibilidade positiva.

Neste gigantesco e potencialmente trágico equívoco em que vamos afundando, noticiam os veículos de comunicação, para espanto dos brasileiros lúcidos, que nos dispomos finalmente a investir. Só que... em Portugal! Como se um agricultor, precisando de adubo para recuperar suas terras depauperadas, vendesse o seu adubo ao vizinho e teimasse em tirar dos seus alqueires esgotados o que eles não podem mais dar.

Não se trata de condenar uma cooperação econômica sadia com Portugal ou qualquer outra nação. Quanto mais cooperação econômica, melhor. Quanto menos barreiras xenófobas, melhor. Quanto mais nos abirmos para a comunidade internacional, como se faz modernamente em toda parte, melhor. Mas investir fora, quando estamos morrendo à míngua de investimentos aqui dentro, é incompreensível.

Temos de abrir as portas, é certo. E, ao abri-las, liberar o tráfego nas duas mãos. Estamos, contudo, a tal ponto estrangulados em matéria de investimentos, e essa situação produz efeitos tão graves, que decididamente não é hora de buscarmos campos de aplicação no Exterior, mas, inversamente, de buscar no Exterior, para aplicação aqui, cada centavo disponível da poupança internacional. O argumento de que é necessário “proteger” a nossa economia não tem a menor consistência, uma vez que, a continuarem as coisas como estão, em breve não teremos uma economia digna desse nome para proteger. A proteção, em lugar de nos propiciar um utópico desenvolvimento autárquico, nos será fatal. E é justamente neste momento, por todos os títulos inoportuno, que permitimos uma drenagem dos nossos parcos recursos.

De um ponto podemos ter certeza: estamos atravessando um período de falta de visão histórica, de dinamismo, de imaginação. De retrocesso econômico, essa é a realidade. Só não nos faltam erros.

Abram Szajman é presidente da Federação do Comércio do Estado de São Paulo.